

# Editorial

editorial

Chega agora, nesse início de segundo semestre, junto com os ipês amarelos, o número 24 da revista *História da Historiografia*.

O conjunto de textos desse número revela um conjunto temático tão rico quanto diverso, o que revela a pulsante pesquisa na área de Teoria e História da Historiografia.

Apresentam-se dois artigos dedicados a Thomas Hobbes e o papel que a História possui em sua obra. No primeiro, *Thomas Hobbes como historiador: a ciência civil na historiografia*, a autora, Débora Vogt, preocupa-se em investigar o papel que a história *magistra vitae* e como ela se entrelaça com a concepção de natureza humana. No segundo texto, intitulado *Filosofia e História em Thomas Hobbes: uma leitura de An Historical Narration Concerning Heresy*, João de Azevedo e Dias Duarte trata da crítica hobbessiana à importância que a tradição clássica-humanista confere à experiência e à história, e se debruça sobre a obra mencionada em seu título, buscando compreender qual o tipo de história Hobbes mobiliza.

Raylane Marques Sousa e Eduardo Ferreira Chagas visitam a Genealogia da moral, de Nietzsche, e a crítica do 'filósofo intempestivo' à filologia clássica, compondo uma alternativa, que seria a "genealogia das surpresas".

Em *O trabalho que se faz: A atividade diretorial nos Annales d'Histoire Économique et Sociale (1929-1938)*, Mariana Ladeira investiga o cotidiano da Revista editada por Marc Bloch e Lucien Febvre, através das cartas trocadas entre os dois historiadores, e faz uma leitura do momento de intensa instabilidade, que marcou os primeiros anos do periódico, e como se traçou seu perfil temático.

Ezequiel Adamovsky dedica-se ao tema do "criollismo" e o revisionismo histórico na Argentina, construindo um interessante contexto historiográfico da crítica ao paradigma 'mitrista', presente nas narrativas largamente difundidas no sistema escolar. *¿Un "revisionismo popular"? Criollismo y revisionismo histórico en Argentina* trata da mobilização de novos vetores de leituras do passado, reivindicando a polifonia que caracteriza a narrativa historiográfica.

A História do tempo presente e a Micro-história são os temas dos artigos *Tempo Presente: entre operações e tramas* e *Morfologia social e contextualização topográfica: a micro-história de Edoardo Grendi*. Os autores Lindolfo Lohn e Emerson Cesar de Campos fazem uma discussão voltada para os últimos trinta anos, onde localizam as noções de tempo e de presente que significaram o contorno, hoje identificado como História do tempo presente.

*Rodolfo Garcia esboçado em cartas: tensões entre o erudito e o intelectual*. O artigo de Gabriela D'Ávila Brönstrup traz a análise da identidade de historiador de Rodolfo Garcia, através das cartas recebidas por ele de seus pares. Na correspondência, a autora, identificou o que poderiam ser as características do historiador nas décadas do ensaísmo, 1930 e 1940.

Um segundo artigo voltado à construção do historiador é o que traz a trajetória de Alexandre Herculano. Nele, Michelle Fernanda Tasca se volta para os primeiros anos de aprendizado do historiador português e como a experiência

do exílio foi importante nesse período, bem como suas tarefas de bibliotecário e historiador se complementaram na busca dos documentos, catalogações e organização da sua síntese histórica.

Ainda no último terço deste número da *História da Historiografia* a obra *Raízes do Brasil* é trazida, sob a luz da perquirição biográfica. *(Auto)biografia de Raízes do Brasil: rememoração e comemoração do ensaio nos anos 1970-1980*. Raphael Guilherme de Carvalho propõe que as décadas de 1970 e 1980, a partir da edição de 1969, são fundamentais para que se estabeleça a rubrica de clássico da historiografia brasileira ao livro de Sérgio Buarque de Holanda.

Antonio Candido e sua historiografia literária é o tema do artigo de Henrique Pinheiro Costa Gaio, *Por uma historiografia literária sentimental: formação e modernidade em Antonio Candido*. A investigação de *Formação da Literatura brasileira* parte das “narrativas de passagens”, identificadas na incompletude da formação literária brasileira, e na tensão permanente entre a tradição e modernidade.

Na resenha *O passado manifesto*, o livro de Beatriz Azevedo, *Antropofagia: palimpsesto selvagem*, publicado pela Cosac Naify em 2016 ganha leitura que põe em destaque o Modernismo de Oswald de Andrade. O olhar sobre o Manifesto ganha intensas camadas, ressaltando a latência da identidade ameríndia na sociedade brasileira: “Precisamos, menino, desvespuciar e descolombizar a América e descabralizar o Brasil” (AZEVEDO 2016, p. 62). Assim disse Oswald.

O número 24 da *História da Historiografia* traz o vigor da pesquisa historiográfica, e, nesse momento de tantas perdas, revela-se um ato de resitência!

8

Ótima leitura é o que desejamos.

Os editores.